

O QUE VOCÊ LEVARIA?

André Cauduro D'Angelo

OBJETOS SAGRADOS SÃO AQUELES QUE FARIAMOS QUESTÃO DE LEVAR CONOSCO SE PRECISÁSSEMOS ABANDONAR NOSSA CASA ÀS PRESSAS.

Em seu livro de memórias, “Quase tudo” (Companhia das Letras, 2005), Danuza Leão relembra rapidamente uma de suas tias, de nome Rosina – “a pessoa mais doce, amorosa e prestativa que conheci”, segundo palavras da autora. Sobre tia Rosina, Danuza cita, de passagem, um fato curioso e, até certo ponto, enternecedor:

“Um dia eu trouxe para tia Rosina, de Paris, um casaquinho de tricô, que ela só vestiu em raras ocasiões, para não gastar – isso aos noventa e quatro anos.”

Ao que parece, tia Rosina tinha no casaquinho de tricô um objeto que poderíamos chamar de “sagrado”: aquele pelo qual se nutre uma preferência que justifica cuidados maiores, como reservar o uso dele apenas para ocasiões especiais. Nem sempre os objetos sagrados são os mais caros, embora estes sejam sempre candidatos naturais ao posto; muitas vezes, os mais valorizados são os mais raros e difíceis de repor – como aqueles comprados em viagens, ou que já não são mais fabricados –, ou, ainda, os itens dotados de algum valor sentimental (herdados ou ganhos, por exemplo).

Uma boa maneira de descobrir quais objetos são sagrados para alguém é perguntar: “o que você levaria se tivesse que abandonar de maneira urgente a sua casa?” A resposta será sempre uma pista daquilo que mais importa para aquela pessoa.

A pergunta refere-se a uma situação improvável – o abandono repentino do lar –, mas não impossível. Na série de incêndios que assolou o sul da Califórnia durante o último outono norte-americano, moradores depararam-se justamente com esse dilema: o que levar da casa que era consumida pelas chamas? As escolhas foram bem heterogêneas: carros esportivos de luxo, sapatos caros, smokings sob medida, ingressos de shows, cartões postais e, claro, animais de estimação. Pragmáticas ou sentimentais, as escolhas refletiam circunstâncias de vida e também um pouco da personalidade de cada morador.

E o luxo? é sinônimo de sagrado? Em parte. Se tomarmos como referência os significados coletivos atribuídos aos produtos de luxo, sim. Na sociedade de

consumo contemporânea, os itens de luxo são o que de mais próximo existe da sacralização, uma vez que, em praticamente todo o mundo, são admirados e desejados. Todo aquele que possuísse um bem de luxo tenderia, a princípio, a tratá-lo com maior deferência e respeito, por se tratar de algo raro, invulgar.

No entanto, os objetos não são revestidos apenas de significados públicos, coletivos; há também os significados de caráter privado, pertencentes à esfera individual. Objetos aparentemente banais para a maior parte das pessoas podem assumir uma representação toda especial para alguém, por um motivo qualquer. Ou o contrário: aquilo que para a maioria é extraordinário, para algumas pessoas pode ser apenas comum, jamais merecedor de adoração. Cada história de vida explica os motivos pelos quais os produtos, que saem das lojas dotados de significados coletivos, ganham novo status quando entram na casa do consumidor: tornam-se, de um jeito, ou de outro, únicos, prontos a uma sacralização absolutamente particular.

No meu livro, “Precisar, não precisa”, lembro que, dos consumidores entrevistados, apenas dois referiram possuir objetos de luxo que lhes eram especiais – mas não tanto pelo seu valor pecuniário ou estético, e sim por sua

relevância sentimental, pois haviam sido herdados de seus pais. Outros mencionaram produtos dos quais mais gostavam, entre tantos itens de luxo que possuíam – mas sem, com isso, sugerir que se tratava de coisas cujo valor fosse além da mera predileção, incapazes, portanto, de justificar grandes arroubos ou sacrifícios.

Ou seja: nem todo luxo torna-se sagrado para o consumidor, pois o significado público não é o único a revestir um objeto. Há sempre um significado privado, particular, que só o proprietário é capaz de atribuir – e este é que será fundamental para definir o que merece ser resgatado de uma casa em chamas.

Autor de “Precisar, não Precisa – um olhar sobre o consumo de luxo no Brasil” (ed. Lazzuli/Cia. Editora Nacional). Site: www.precisarnaoprecisa.com.br. E-mail: livro@precisarnaoprecisa.com.br.

